



Associação Propagadora Esdeva
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF
Curso de Tecnologia em Design de Moda
Pesquisa de Iniciação Científica - Artigo

REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA NO MUSEU MARIANO PROCÓPIO

Sylvia Cotta Pimenta¹

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Andrea Lomeu Portela²

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Linha de Pesquisa: Roupas memória

RESUMO

Esta pesquisa aborda a relação dos objetos com a memória e os aspectos simbólicos da infância em um museu histórico que traz referências do século XIX, período em que ocorre uma construção social e cultural da infância. O objetivo é experimentar diferentes métodos de análise material, considerando os aspectos simbólicos e imateriais envolvidos. A proposta enfatiza a roupa como objeto de profunda articulação com o homem produzindo grande influência nos indivíduos. O estudo quer replicar uma temática pouco ou nada conhecida, ampliando o saber investigativo em contexto museológico na formação de um profissional capaz de construir os conteúdos de nossa própria história.

Palavras-chave: Infância. Roupas de museu. Memória. Biografia das coisas.

ABSTRACT

This research addresses the relationship of objects with memory and symbolic aspects of childhood in a historical museum that brings references from the nineteenth century, during which a social and cultural construction of childhood occurs. The objective is to experiment with different methods of material analysis, considering the symbolic and immaterial aspects involved. The proposal emphasizes the clothing as object of deep articulation with the man producing great influence in the individuals. The study wants to replicate a little or not known theme, expanding the investigative knowledge in the museological context in the formation of a professional capable of constructing the contents of our own history.

Keywords: Childhood. Museum clothes. Memory. Biography of things.

¹ Discente do Curso de Tecnologia em Design de Moda do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. Celular: (32) 99108-5738. E-mail: sylviacpimenta91@gmail.com

² Docente do Curso de Tecnologia em Design de Moda do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Orientador (a). Campus Arnaldo Janssen.

1 INTRODUÇÃO

Observamos uma escassez de publicações ou exposições que retratem a infância no Museu Mariano Procópio (MMP), no entanto, as crianças são o público mais presente nas atividades do museu. Para preencher essa lacuna, acreditamos que abordar a infância pode ser uma forma de aproximar e replicar o conhecimento acerca desse patrimônio em conexão com seu próprio público. O diálogo que a academia estabelece com os elementos de nossa memória cultural pode ajudar a cumprir esse papel, pois pode abrir espaço de reflexão e novas perspectivas de ação em relação ao nosso acervo histórico.

Permeando os objetos do Acervo Técnico e a história do MMP, em especial, considerando sua indumentária no contexto histórico do design, esta pesquisa mapeia as imagens infantis encontradas em diversas obras museológicas que representam a infância, entre elas: esculturas, pinturas, fotografias, móveis e um uniforme que pertenceu a uma criança de, provavelmente, cinco anos de idade.

Este conjunto de calça e casaco não possui muitas informações no Acervo Técnico do qual pertence, nem mesmo dados de procedência, sendo assim, assumimos a investigação seguindo os rastros de informações através de entrevistas, fontes primárias e o conceito de biografia das coisas.

O artigo explora as imagens que representam a infância e que podem ser encontradas nas obras do museu, retratando as mudanças etárias, os mitos e verdades da construção social e cultural da noção de infância através dos tempos.

O design dos objetos foi observado e estudado na origem das definições das diferenças que expressam, como feminino e masculino, patrão e empregado, adulto e infantil, entre outras. Em seguida, abordamos o conceito de Ariès (1981) através da análise imagética do vestuário infantil.

Somente então apresentamos uma biografia do uniforme infantil a partir dos dados investigados. Esta pesquisa de iniciação científica é realizada em continuidade a outras pesquisas sobre o mesmo contexto museológico, com a intenção de realizar novas buscas metodológicas.

2 OBJETOS E INFÂNCIA NO MUSEU MARIANO PROCÓPIO

O Museu Mariano Procópio (MMP) é um museu histórico ligado ao período imperial, que fez um contínuo crescimento de seu acervo através de diversos períodos da história do Brasil.

As coleções de objetos do museu são muitas, das mais variadas de um museu no país, motivo de tão diferentes temáticas a serem abordadas. Porém, não encontramos publicações relativas à instituição que destaquem a infância, nem mesmo houve uma exposição voltada a este conteúdo especificamente. No entanto, ao entrarmos no museu, na sala Maria Amália, encontramos algumas esculturas com figuras infantis como nas obras **A guado** de Antônio Piazza e **O segredo** de Nicolina Couto.

Figuras 1 e 2 - Escultura intitulada **O segredo**, c. 1907, Rio de Janeiro. Por: Nicolina Vaz de Assis Pinto do Couto (1874-1941), em bronze e mármore, Fundação indígena // Escultura intitulada **A guado**, Itália. Por: Antônio Piazza (1875-1925), em mármore carrara. Pertencentes ao Acervo do Museu Mariano Procópio

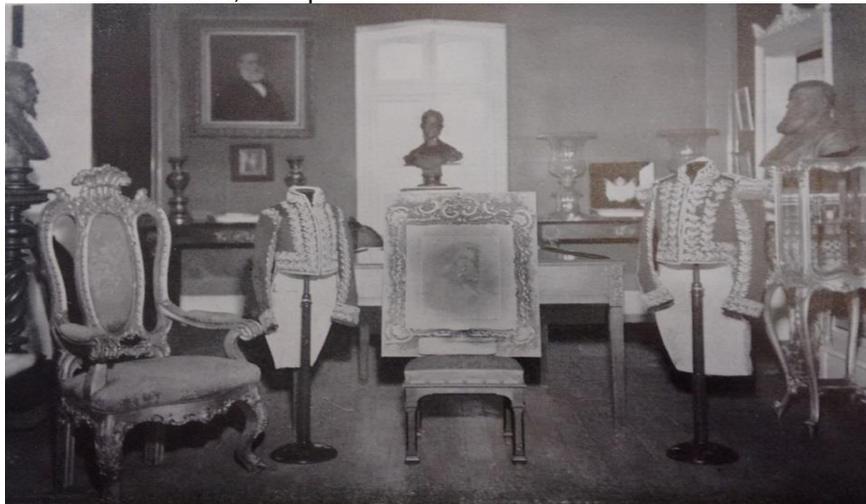


Fonte: DAS AUTORAS, 2019; MAPRO.

Claro que essas não são as únicas obras que retratam a infância, por uma e outra parte podemos identificar as imagens. Aos poucos, com um olhar atento ao nosso objeto, partimos para uma análise imagética explorando as obras e tentando identificar algumas pinturas e fotografias em que destacamos a presença infantil.

Nossa busca segue pelo acervo fotográfico, priorizando a indumentária e o design dos quais partem nosso interesse. Encontramos então os fardões de Dom Pedro II (1825-1891) sendo esta uma das mais importantes aquisições da instituição. Essas roupas (Figura 3) representam duas fases etárias do Imperador.

Figura 3 - Fardões de D. Pedro II, à esquerda o da maioridade e à direita o do casamento



Fonte: SAFRA, 2000, p.20.

A imagem dos fardões nos interessou pela disparidade proporcional entre eles destacando o corpo ainda infantil, e, logo, um pouco mais jovem. Sendo o fardão da esquerda usado aos quinze anos de idade, quando adquiriu a maioridade. E o da direita, aos dezoito anos de idade, quando se casou com a Imperatriz Tereza Cristina de Bourbon (1822-1889), no ano de 1843.

A aquisição das roupas do Imperador se deu após Alfredo Ferreira Lage ter conhecimento da venda dos fardões na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro em 1926. Após uma longa negociação, Alfredo comprou as peças por dez contos de réis, iniciando algumas ações de preservação dos fardões seguindo padrões da época, estes ficaram expostos por oito décadas. A visibilidade das negociações atraiu doações de fardões militares para o museu (PORTELA, 2017).

Segundo Rogério Pinto (2014), as roupas de Dom Pedro II marcam a passagem de sua vida, do fim da sua infância até a chegada da idade adulta.

Esse passeio nos remete ao conceito de infância e sua representação no período em que as coleções do museu se formaram.

2.1 O DESIGN DA INFÂNCIA

Adrian Forty (2007) observa que com o aparecimento das escolas passa-se a perceber a inocência e a necessidade de recuperar a infância roubada pela invisibilidade do tempo. Com esse sentido, nasce o conceito de infância.

Segundo Ariès (1981), com a distinção entre crianças e adultos, nos séculos XVI e XVII, a imagem infantil vai provocar novos sentimentos em relação à infância:

“gentil, afetuosa e cheia de graça”. Nossa noção de infância foi trazida pelos jesuítas, relacionada com a pureza e ao menino Jesus, “o mito da criança santa” (ARIÈS, 1981, p. 158). Esses sentimentos foram e são naturalizados até hoje. Não há como não notar o encantamento provocado pelo encontro de cada obra no museu pelo seu público, afinal a construção cultural da imagem da criança no Brasil é carregada de emoções e romantismo.

A diferenciação entre crianças e adultos provocará uma importante transformação no design dos objetos. O estudo do design confirma que os objetos carregam e representam diferenças sociais visíveis, fato de importância histórica com reflexo em várias relações sociais que ainda atuam com intensidade.

Entre as distinções apontamos a divisão de classes a partir do que o pobre, a classe média ou o rico podiam consumir, destacando o poder do status que um objeto pode representar. Essa preocupação provoca ainda a diferença de objetos e roupas entre patrões e empregados.

O masculino e feminino, é outro tipo de diferenciação que se destaca no design das roupas, mesmo que homens e mulheres tivessem uma diferenciação da aparência de forma considerável ao longo da história, tem no século XIX um papel de advertência da atração homossexual e de conferir à mulher um papel de objetificação (FORTY, 2007; SOUZA, 1987).

Através de análise de catálogos de produtos das indústrias do período, Forty (2007) destaca as seguintes categorias que produzem essa separação em objetos como escovas, relógios, entre outros objetos de uso pessoal em que podemos citar algumas características, tais como: formatos ovais eram masculinos, maior ornamentação nas peças femininas, disparidade de tamanhos de relógios, sendo os femininos produzidos com linhas que expressavam maior delicadeza. Enquanto aos homens, consideravam atributos de força, vigor, aventura e pouca emotividade.

Embora em outros períodos já se pudesse distinguir a diferença entre feminino e masculino através de uma bolsa, por exemplo, é preciso considerar que, no final do século XIX, essa repartição nunca tinha sido tão fortemente usada.

Do mesmo modo, o design começou a expressar características da natureza infantil. A louça, a mobília e mesmo a figura das crianças retratadas nas pinturas seriam os sinais da mudança de percepção da criança, apontadas pelo historiador Philippe Ariès (1981).

Canecas e outros utensílios de alimentação estampadas com figuras animais, louças com diferença na proporcionalidade de tamanho e decoração com cores e desenhos que eram consideradas apropriadas para crianças, “quanto mais pessoas se convenciam da inocência e virtude da infância, mais confiantes se tornavam nos sinais físicos exteriores para corroborar suas crenças” (FORTY, 2007, p.100). Como exemplo, coelhos e ouriços para os objetos infantis; aves e mamíferos apareciam nos objetos dos adultos.

Através de pesquisa realizada nos livros de marceneiros da época, pode-se apontar a mudança dos móveis destinados ao quarto infantil, cadeiras de tipos e finalidades passaram a ser projetadas para que as crianças se sentassem eretas à mesa. Um dos modelos de cadeira infantil da época foi encontrado no acervo do MMP, vista a seguir (Figura 4).

Figura 4 – Cadeira infantil, sem dados de procedência ou ano, pertencente ao Acervo Técnico do MMP, provavelmente, do final do século XIX a início do século XX



Fonte: DAS AUTORAS, 2019; MAPRO.

Segundo Adrian Forty (2007), entre os séculos XVII e XIX haviam brinquedos, jogos e livros para crianças, mas nada de mobílias. Apenas em 1833, foi publicada uma descrição detalhada de designs e usos de móveis, com seção sobre mobília de quarto de criança.

Esse tipo de móvel (cadeira) teria sido projetado para influenciar o desenvolvimento físico infantil, apesar de não ter relação com a saúde ou o físico da criança, a questão se deve mais à necessidade da classe média gastar quantias nunca antes dispensadas em artigos infantis decorados como meio de atender à

noção de infância que surgia com apelos psicológicos de cuidados especiais e fragilidade (FORTY, 2007). Por isso, é importante entendermos como surge o conceito de infância.

3 ANÁLISE IMAGÉTICA E CONCEITUAL DA INFÂNCIA E SEU TRAJE

Ariès (1981) apresenta uma construção histórica e cultural da noção de infância, entre as idades do homem, ressaltando a criação das escolas. Momento em que a criança é separada dos adultos e compete à família um cuidado e acompanhamento que culmina em novas configurações desta etapa da vida.

No século XII não se particularizava a infância. Sobre a roupa, diz que logo ao sair dos cueiros, já eram vestidas como os demais homens e mulheres. Nada no traje Medieval separava a criança do adulto.

No século XVII, as crianças de boas famílias (nobre ou burguesa) passaram a ter um traje reservado para sua idade, as distinguindo do adulto.

O surgimento do traje infantil é prova da mudança de atitude entre adultos e crianças. No quadro a seguir (Figura 5), apresentamos a análise imagética das roupas retratadas na obra **The Habert de Montmort Children** (Os sete filhos da família Harbert), cujo artista Philippe de Champaigne (1649), no século XVIII, registrou a data precisa incluindo os meses da idade de cada uma das crianças. Tendo o filho mais velho, dez anos e o mais moço, oito meses (ARIÈS, 1981).

Figura 5 - Os sete filhos da família Harbert, museu de Reims, início do século XVII



Fonte: BANCO DE DADOS DO PINTEREST, 2019.

Aos dez anos, o mais velho se veste como um homenzinho, com uma capa. Na aparência estaria como um adulto, pois devia frequentar os cursos de um colégio, mas certamente não continuaria no colégio por muito tempo. Logo se misturará aos adultos com seu traje e se incorporará aos campos militares.

Os gêmeos, de mãos dadas, têm quatro anos e nove meses, eles não estão vestidos como adultos, usam um vestido comprido, mas diferente das mulheres, por ser aberto na frente e fechado com botões e agulhetas, se parece a uma sotaina eclesiástica.

François, que tem hum ano e onze meses e o caçula de oito meses vestem-se como a irmã, ou como duas mulherzinhas: saia, vestido e avental. Estariam vestidos como mulheres adultas porque a separação entre crianças e adultos não existia entre as mulheres.

Cada objeto ganha relevância de acordo com sua utilização ou na cultura em que está inserido (KOPYTOFF, 2010). Os objetos infantis só surgiram após anos de tratamento adultizado às crianças, com roupas e cadeiras especialmente desenvolvidas para elas, ou seja, as crianças ganharam um papel na sociedade.

Se é desse sentimento que ganharam um traje especializado, conclui-se que,

[...] numa sociedade em que as formas exteriores e o traje tinham uma importância muito grande, é uma prova da mudança ocorrida na atitude com relação às crianças (ARIÉS, 1978, p. 157).

O impacto de uma peça de roupa nas nossas vidas pode ser desde o fato dela nos vestir até o valor que esta adquire ao ser investigada, se considerarmos a forma como a infância aciona sentimentos, suas roupas podem impactar ainda mais.

Hoje, as noções de criança e infância provocam uma mistura de sentimentos como amor, pena, compreensão, entre outros, que são tantos quanto as muitas condições de vida de cada uma. Pensando nos recursos disponíveis, desde as crianças que possuem acesso a muitos recursos até as que lhes faltam condições mínimas de sobrevivência (HENIK, FARIA, 2015).

E, afinal, tendo em vista a importância da roupa como elemento da representação da infância, fizemos de uma roupa do museu nosso objeto de

pesquisa. Esta roupa está identificada em livro planilha da coleção de Objetos Pessoais do museu e apresentamos a seguir.

4 A BIOGRAFIA DE UM UNIFORME INFANTIL: UMA BUSCA

Esta etapa foi realizada com base no conceito de biografia das coisas apresentado por Igor Kopytoff (2010), na produção de mercadorias sob um ponto de vista cultural. Essa produção material vai além do ponto de vista da materialidade, antes é um processo cognitivo e cultural, “o que faz uma biografia ser cultural não é o assunto tratado, mas como e de que perspectiva ela aborda o assunto” (KOPYTOFF, 2010, p. 94).

Na abordagem biográfica o pressuposto é de que podemos concretizar, pela história de vida, várias categorias de pessoas, a especificidade dos perfis e apenas considerar determinados aspectos da vida. Conforme um estudo genealógico de pesquisa antropológica desenvolvida em 1910, passou-se a pensar uma espécie de biografia das coisas a partir da posse. Ao fazer tal biografia, parte-se do princípio de que podemos fazer perguntas às coisas tais como fazemos às pessoas:

Quais são, sociologicamente, as possibilidades biográficas inerentes a esse status, e à época, e à cultura, e como se concretizam essas possibilidades? De onde vem a coisa, e quem a fabricou? Qual a sua carreira até aqui, e qual é a carreira que as pessoas consideram ideal para esse tipo de coisa? Quais são as idades e as fases de vida reconhecidas de uma coisa, e quais os mercados culturais para elas? Como mudam os usos da coisa conforme ela fica mais velha, e o que lhe acontece quando a sua utilidade chega ao fim? (KOPYTOFF, 2010, p. 92).

Essas perguntas nortearam os procedimentos em relação a um uniforme encontrado no Acervo Técnico do museu como sendo a única peça infantil presente, desconsiderando os fardões de D. Pedro II por serem representantes da maioridade.

O uniforme não está sozinho, junto a ele há outro objeto têxtil, trata-se de um estandarte que nos fornece os primeiros dados biográficos de nossa roupa: foi confeccionado para uma banda musical chamada Lyra Guarany, provavelmente fundada antes de 1907. Portanto, a idade aproximada do uniforme seria de, pelo menos, cento e doze anos, um pouco mais de um século. O uniforme e o estandarte podem ser vistos nas figuras 6 e 7.

Figuras 6 e 7 – O uniforme infantil e estandarte da Lyra Guarany, 1907



Fonte: DAS AUTORAS, 2019; MAPRO.

Quais os caminhos que esta roupa percorreu e sua história dentro da banda Lyra Guarany? Quem a utilizou? E quais caminhos a levaram ao museu de Juiz de Fora?

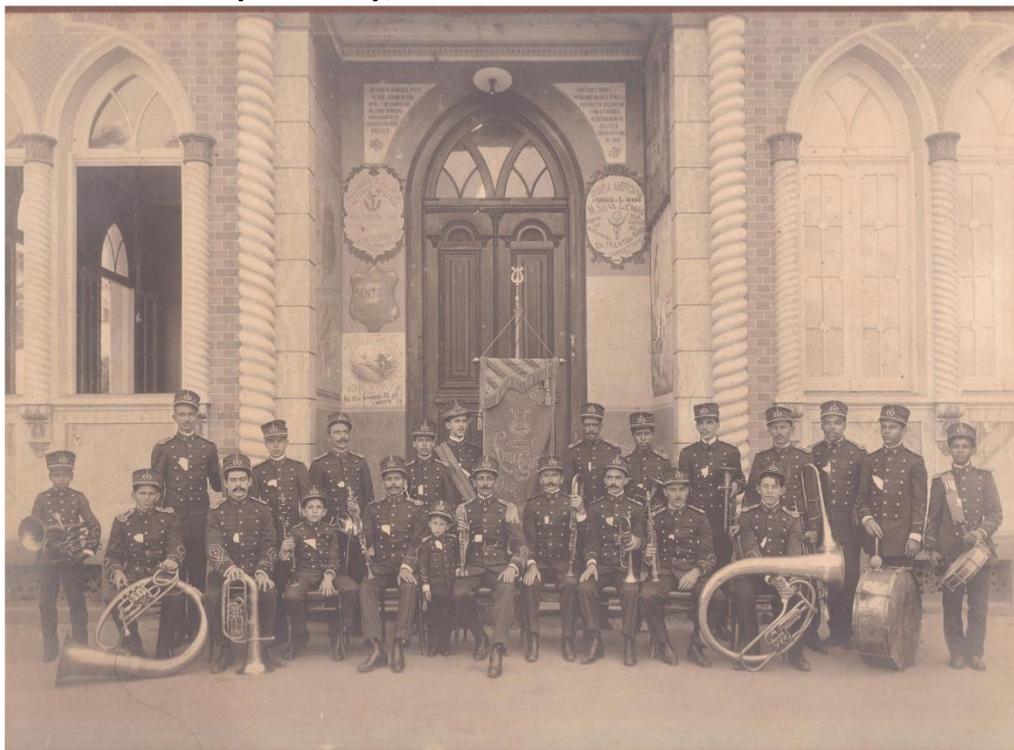
Procedemos a uma busca virtual que remonta dois momentos. No primeiro momento, nos conduziu a uma banda também chamada Lyra Guarany que está localizada na cidade de Campos dos Goytacazes, no Estado do Rio de Janeiro (RJ).

O que se sabe é que esta Lira musical Guarany foi fundada em 1893, na residência da família Viana em Campos dos Goitacazes - RJ, por músicos oriundos da Orquestra Carlos Gomes e da Lyra Plutônica, que criaram a banda musical Lyra Guarany, em homenagem a Carlos Gomes e sua ópera **O Guarany**, da obra de José de Alencar (FERREIRA, 2016, meio digital).

Através de entrevista ao representante da banda, bem como troca de fotografias antigas, concluímos que o uniforme não teria pertencido à banda de Campos dos Goitacazes - RJ, pelo menos não foi possível confirmar, a hipótese levantada seria a de que existiriam outras bandas homônimas. O segundo momento, consistiu em verificar dados da Biblioteca Nacional procurando outras bandas de mesmo nome, busca que não obteve sucesso.

Em seguida, partimos para o Acervo Fotográfico, sob a informação obtida através dos funcionários do museu de que haveria uma fotografia da banda nesse acervo (Figura 8).

Figura 8 – Banda Musical Lyra Guarany, c.1907



Fonte: ACERVO FOTOGRÁFICO, MAPRO.

A fotografia encontrada mostra a formação da banda em frente à Prefeitura de Juiz de Fora. São vinte e três componentes, sendo que podemos ver três crianças e dois adolescentes. A primeira criança pode ser vista à esquerda segurando um instrumento de sopro. Outra criança, também portando um instrumento de sopro, é o terceiro membro sentado da esquerda para a direita. Finalmente, uma criança menor, em pé, no meio de dois adultos na altura central da imagem, esta não porta nenhum instrumento, possivelmente seria um mascote da banda.

A única diferença observada na roupa entre crianças e adultos é o colarinho branco, parece que as crianças não estão utilizando uma camisa branca da mesma forma que os demais, que são adultos ou jovens.

Em relação aos adolescentes, um se encontra sentado à esquerda e outro em pé à direita segurando um instrumento de percussão, acreditamos que já tenham status de adultos na composição do grupo, julgando não haver diferença no uniforme e que portam seus instrumentos.

Destacamos ainda a presença central do estandarte que hoje se encontra no MMP.

Procedemos ainda uma busca em arquivos municipais de Juiz de Fora, no entanto, não conseguimos dados para confirmar se a banda era local, ou que tenha feito uma apresentação na cidade de Juiz de Fora, mas tendo vindo de outra localidade.

O que se sabe, por um estudo da história das bandas do Brasil, é que elas tiveram grande importância social no país, relevância que ainda se confere em alguns contextos como o da Lyra Guarany da cidade de Campos dos Goitacazes, por exemplo, que foi reconhecida em 2009 com o Título de Patrimônio Cultural do Estado do Rio de Janeiro.

As bandas militares surgiram no Brasil junto com a vinda da família real em 1808, trazendo consigo o exército nacional. Tais bandas contribuíram para o surgimento das bandas civis modernas. Esta manifestação cultural era uma das poucas encontradas nas cidades interioranas, as bandas estavam presentes em momentos sociais importantes, sejam civis ou religiosos (COSTA, 2011).

Outro aspecto do uniforme salientado por Daniel Roche (2007) é de que representam uma forte hierarquia nas roupas, sendo o uniforme uma peça de grande prestígio, afinal, as roupas eram fundamentais na construção do status social nas relações empregadas.

Como antigamente o uniforme militar era considerado algo de grande prestígio para quem o usava, as bandas - mesmo não sendo militares - o empregou com a intenção de adquirir uma imagem respeitável diante da sociedade (COSTA, 2011).

Por meio de visitas técnicas analisamos as particularidades deste uniforme infantil que pode ou não ser da Lyra Guarany do Estado do Rio de Janeiro, sem confirmação segura. No entanto, o exame das medidas nos assegura dizer que vestiu uma pessoa de aproximadamente cinco anos de idade, portanto, deveria ser a menor criança que aparece na figura 8, que está ao centro, em pé.

Este uniforme, ao contrário dos registros do Caderno Planilha do MMP, era de veludo e não casimira. Além disso, possuía um forro de outro tecido, um algodão rosa ou que está rosa neste momento devido à ação do tempo e da exposição à luz, que degradam o tecido e diminui a solidez da cor chegando a parecer outra. O forro que parece rosado, por exemplo, pode ser também vermelho, e até possuir listras semelhantes a uma estampa de camisaria. Para as confirmações necessárias, seria preciso uma análise profissional com técnicas e instrumentos especializados.

O conjunto possui recortes estruturais de um paletó e botões na parte da frente com argolas que possivelmente serviam para prender algum tipo de correntinha. A calça deste uniforme também é feita de veludo e possui este mesmo forro em algodão, a vista da calça é costurada à mão.

Como nunca houve um processo de restauro, preferimos não realizar uma avaliação do estado de conservação. O esperado é que a curiosidade levantada pela pesquisa repercuta em novos interesses e atenção para futuros cuidados de preservação desse patrimônio. Esta etapa do projeto pretendeu ser um processo de levantamento e produção de dados biográficos da roupa para que possam ser utilizados por pesquisadores da indumentária e pela instituição museológica com novos conteúdos técnicos informacionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo percorreu o contexto do Acervo Técnico do MMP, bem como, exposições e outros documentos, para estabelecer um paralelo entre o conceito de infância e sua representação através dos objetos.

A partir da análise de um uniforme nos debruçamos sobre os elementos infantis presentes no museu. A exploração de documentos e do acervo nos fez perceber que além de ter elementos infantis em roupas, estátuas, móveis e fotografias, o MMP é visitado constantemente por crianças de colégios da região, são elas o maior público do museu atualmente, sendo assim, a infância percorre o museu de várias formas.

Essa trajetória também se deu por uma linha histórica, que aponta o século XIX como momento de ruptura cultural, no qual surge uma noção de infância e a necessidade de adaptação do modelo de vida e de sua representação, surgindo objetos que marcam uma diferença entre tipos e classes da sociedade em que se destaca fundamentalmente a criança, antes vista como um adulto em miniatura.

Uma roupa recebeu atenção especial, especificamente, um conjunto de uniforme infantil. A roupa, como nosso objeto de investigação, suscitou uma análise técnica para obtenção de dados concretos como medição, materialidade e suposições de pertencimento e idade do usuário. Mais tarde, esses dados foram corroborados por uma imagem do acervo fotográfico, apresentando a Lyra Guarany e a criança, a que podemos dizer estar usando o uniforme hoje presente no acervo.

Como resultados importantes, apontamos alterações de dados que constam no livro planilha de classificação da coleção de Objetos Pessoais, como o tipo de tecido e detalhamento de medidas. No entanto, a principal contribuição dessa pesquisa se relaciona aos interesses institucionais.

Na medida em que a temática da criança não se fazia presente, a influência da pesquisa retoma o interesse por uma imagem em consonância com o público do museu e amplia o olhar da instituição e de pesquisadores para uma nova abordagem e conhecimento de parte do acervo, até o momento intocado. Enfim, a presença da infância, representada pelos objetos do museu se faz presente.

Do ponto de vista da formação, consideramos a experimentação de diferentes abordagens de pesquisa, específicas ao estudo dos objetos, um diferencial. Afinal, os conceitos e autores, bem como, os métodos utilizados ainda são pouco abordados em cursos de graduação.

Acreditamos, por fim, que essa pesquisa pode ser capaz de beneficiar novas ações e estudos em relação aos objetos do museu, novas leituras sobre a representação e, quem sabe, maior atenção a sua coleção de indumentária.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, **História Social da Criança e da Família**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

COSTA, Manoela Areias. **Música e história: um estudo sobre as bandas de música civis e suas apropriações militares**. Revista Tempos Históricos. Volume 15. 1º semestre de 2011. P. 240-260 ISSN: 1517-4699.

FERREIRA, Granger. **Sociedade Musical Lira Guarany completa 123 anos neste sábado**. História Campista, 2016. Disponível em: <http://historiacampista.blogspot.com/2016/10/sociedade-musical-lira-guarany-completa.html>. Acesso em: 20 mar. 2019.

FORTY, Adrian. **Objetos de Desejo: Design e Sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HENIK, Angelica Cristina; FARIA, Paula Maria Ferreira. **História da infância no Brasil. EDUCERE - XII Congresso Nacional de Educação**. Pontifícia Universidade de Curitiba. Curitiba, Paraná, 2015.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (org.). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Tradução: Agatha Bacelar. Niterói: EDUF, 2008, p. 89- 142.

PINTO, Rogério Rezende. Os fardões de D. Pedro II e sua incorporação definitiva ao acervo do Museu Mariano Procópio. In: **ANAIS Museu Mariano Procópio/Fundação MMP**. Vol.1. Juiz de Fora: Fundação Museu Mariano Procópio, 2014.

PORTELA, Andrea Lomeu. **Trajetórias Sociais das Roupas do Museu Mariano Procópio**: Tramas e afetos. Tese (Doutorado) - UFJF, ICH PPGCSO, 2017.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). Tradução: Assef Kfourri. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2007.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a moda no século dezenove. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.